

quanto ficou dito antes, um tema eloquente e particularmente ilustrativo: o da moral sobre a regulação da natalidade, com o pano de fundo da encíclica *Humanae vitae* e com alusão crítica às principais críticas que lhe têm sido feitas.

Concluindo: que pensar de um livro como este, bastante contra a corrente do tempo? No meu pessoal modo de ver, o livro tem, pelo menos, o grande mérito de não ir na onda da antimetafísica, procurando vincar a tese de que há uma natureza das coisas e uma lei natural. Claro: está-se no plano objectivo e abstracto da moral. Sem dúvida que há sempre a considerar o lado subjectivo de quem realiza os actos humanos e a concretude dos casos em que estes são emitidos. A teologia moral é uma ciência. Mas a sua aplicação releva sempre da arte (ou da sabedoria ou prudência), que deve fazer a síntese entre o objectivo e o subjectivo, entre o abstracto e o concreto.

JORGE COUTINHO

SAGRADA ESCRITURA

MARTELET, Gustave, *Évolution et création. II : Mortalité de l'homme, messianité de Dieu*, coll. « Théologies », Les Éditions du Cerf (www.editions-ducerf.fr), Paris, 2014, 514 p., 240 x 155, ISBN 978-2-204-10309-1.

Gustave Martelet, falecido em 2014 com 98 anos de idade – professor que foi na Universidade Gregoriana, em Roma, e no Centre Sèvres, em Paris – neste texto denso e extenso percorre o Antigo Testamento de lés a lés, para mostrar que o desígnio de Deus para o homem é um desígnio de vida

e não de morte. Face à negatividade como uma das dimensões do existir humano, e em particular face à morte, ele mostra que o que Ele destina para o homem é efectivamente a vida, e que, na perspectiva da messianidade, a promessa da ressurreição é a nossa primeira e nossa última realidade. Dito em negativo, não é o pecado que explica a morte, antes a mortalidade natural do homem é que constitui ocasião de pecado.

O texto encontra-se estruturado em três partes. Na primeira – «Revelação e Messianidade de Deus no Horeb» – Martelet começa por analisar o nome de Deus ou o enigma existencial do «Eu sou Aquele que sou» ali dito a Moisés. Prossegue com o estudo de Yahvé e o profetismo de Israel no Primeiro Testamento. Sempre em análise e interpretação muito minuciosas e documentadas, encerra esta parte com um capítulo dedicado ao Espírito de Deus como *ruah* e sua relação com a razão humana.

A segunda parte leva por título «Condição humana e sabedoria criadora de Deus na natureza». Num primeiro apartado (ou capítulo) Martelet estuda Job e o problema do mal como questão de todos e de sempre. Segue-se o estudo «De Shaddai a Yahvé, ou a dupla exemplaridade humana e espiritual de Job», um estudo em que, entre outras coisas, faz a análise crítica da rejeição do Deus de Job por E. Bloch, da ideia de criação por K. Marx e de um Job apresentado ironicamente como substituto possível de Yahvé na História. Vem depois o elogio da sabedoria criadora de Deus nos livros sapienciais, em que se evidencia o «sim» da Criação ao seu Deus na prática da Sua Lei. O lado negativo e escuro da condição humana é estudado no apartado seguinte, sobre «Qohelet, ou a vanidade de toda a sabedoria face à naturalidade da morte». Morte física e morte espiritual na *Sabedoria de Salomão* ocupam o capítulo que segue. Aí o autor sublinha o ponto de

vista dos insensatos sobre a vida e a morte, contradito pela recompensa dos justos. Vem depois a oração dos *Salmos*, ou a confiança do homem mortal e pecador no Deus da messianidade, que não deixa de atender, com o seu inesgotável perdão, a súplica inatacável do pecador. Chegado a este ponto, Martelet faz um *flash back*, com o regresso aos primórdios da Criação. Apresenta então a sua interpretação do Génesis no que diz respeito a « O Éden, ou à criação de uma humanidade falível em sua mortalidade». Com segura fundamentação, rejeita interpretações demasiado presas à letra, mostrando que, já aí, não foi Deus que fez a morte, mesmo depois do pecado do homem, porque ela é natural à sua condição humana. Do mesmo modo, procede à interpretação de outros dados do relato bíblico, incluindo a de que a sexualidade não foi descoberta por Adão e Eva em consequência do seu pecado, nem este foi um pecado sexual. De modo semelhante desmonta interpretações errôneas da proibição de comer o fruto da árvore do jardim, do sono de Adão e da criação de Eva, da tentação e do pecado, concluindo com considerações sobre a condição mortal e falível do homem na sua diferença dolorosa com Deus. Ainda, na senda do Génesis, apresenta o homem criado à imagem de Deus como coroamento da Criação. O último capítulo desta segunda parte é dedicado ao dilúvio, «ou o castigo do pecado e a imunidade da natureza prometida por Deus ao homem da história», uma história que mostra a inovação bíblica como acabrunhante na aparência, mas historicamente conferindo segurança, pela promessa de Deus de uma imunidade em si da natureza.

A terceira parte apresenta o «Messianismo e figuras do Messias na história de Israel para a inteira humanidade». A primeira figura é a de Abraão, como modelo inaugural da fé incondicional em Deus.

Vem depois Isaías, como profeta por excelência do Messias sob o nome de *Emmanuel*. Em seguida, «O rebento de Jessé», «ou a reconciliação messiânica do homem consigo mesmo, com a natureza e com Deus». Jeremias é a figura que se segue, em sua face de profeta destruído diante do pecado de Israel e do seu castigo que será a ruína de Jerusalém, um apartado que se continua no seguinte, sobre as Lamentações sobre Jerusalém, a visão dos ossos ressequidos e o fim do exílio na Babilónia. Em sequência lógica, vem depois o *Livro da Consolação* do Segundo Isaías e, depois, o *Servo sofredor*, como figura inesquecível da messianidade de Deus. O apartado seguinte versa sobre «O Terceiro Isaías e a perspectiva, apesar de tudo impossível, de um castigo eterno dos maus». Compaginando várias passagens de Isaías e de outros livros da Escritura, Martelet considera impossível um castigo que seja eterno, porque, no fundo, além de supor um pecado eterno como Deus (único a quem é atribuível a eternidade), isso não se harmoniza com o amor do mesmo Deus à sua criatura nem com a glória que lhe é devida e que Ele não cede a ninguém (cf., esp., pp. 404-405). O apartado seguinte trata do nascimento do judaísmo e de um profetismo de rectidão moral e cultural a preservar ao tempo do domínio persa. Segue-se um outro sobre o anti-judaísmo de Antíoco IV Epifânio e a revolta dos Macabeus nas suas consequências político-religiosas. Depois vem Daniel como profeta que acredita a sua mensagem em favor de um testa-de-ferro, com referência ao festim de Baltasar. Os dois capítulos seguintes analisam a visão de Daniel, a sua interpretação da mesma e o anúncio da ressurreição dos mortos. O penúltimo apartado incide sobre o martírio dos sete irmãos Macabeus e da sua mãe, ou da iluminação da morte pelo amor, com o estudo do significado e do género literário

da narrativa. O último apresenta Daniel e a figura do *Filho do homem* ou a universalidade profética do messianismo de Israel.

Em Epílogo, o autor re(as)sume, em síntese, a linha de fundo e as ideias-força do seu pensamento apresentadas analiticamente ao longo de mais de quinhentas páginas. Seis páginas de bibliografia completam o estudo.

JORGE COUTINHO

DOGNIN, Paul-Dominique, **La foi de Jésus. Une lecture de la Lettre aux Hébreux**, coll. « Lire la Bible », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2015, 160 p., 215 x135, ISBN 978-2-204-10353-4.

Uma longa e profunda meditação sobre a fé de Jesus segundo a *Carta aos Hebreus* preenche as páginas deste livro. Poderia pensar-se que a fé é própria dos homens, mas não de Jesus Cristo, homem-Deus. Todavia, aquela Carta anda cheia desta postura de fé da parte daquele que é apresentado como o nosso Sumo Sacerdote e intercessor junto do Pai. A fé que ele pede aos seus discípulos para terem acesso ao Pai e dele obterem toda a espécie de graças e, em definitivo, a graça da salvação, exerce-a ele mesmo, enquanto vive neste mundo, na sua relação com o mesmo Pai. E não é sequer apesar da sua Paixão e das suas lágrimas, mas através delas que Ele a leva à perfeição.

Trata-se de uma meditação que é, ao mesmo tempo, um minucioso trabalho de exegese e hermenêutica bíblica. Paul-Dominique Dognin segue o texto da Carta, explicando o significado e desvelando o sentido os seus pormenores. Todo ele é tecido da palavra bíblica entremeadada da palavra humana do autor, impelindo, sem

cessar, o leitor a compreender e a aderir afectuosamente àquilo que o autor da Carta vai dizendo.

Distribui as suas meditações por seis capítulos, cada qual a incidir sobre um dos grandes temas da Carta aos Hebreus: 1) Deus, o Filho, a cruz (1,1-4: Prólogo); 2) o Filho e Sumo Sacerdote (1, 5-14 a 2,16-18); Sumo Sacerdote da nossa profissão de fé (3,1-6 a 4,14-16); Sumo Sacerdote segundo a ordem de Mequisedec (5,1-10 a 7,11-28); o culto nas duas alianças (8,1-13 a 10,1-18); Palavras de exortação (10,19-25 a 13,22-25).

Estamos diante de um texto muito bem fundamentado, no plano exegético, de inegável beleza no plano literário e, sem dúvida, de grande proveito espiritual para quem procure extrair para a vida o precioso sumo deste livro do Novo Testamento.

LUÍS SALGADO

PASTORAL

BURGUN, Cédric, **La Famille c'est sacré**, Artège (www.artege.fr), Paris, 2015, 172 p., 220 x 140, ISBN 978-2-36040-331-8.

Não é novidade para ninguém que a família se encontra hoje em grave, tendencialmente gravíssima, situação, sobretudo nos planos moral e espiritual, sem embargo para os, também graves e frequentes, problemas de ordem material, sobretudo económica. E todos sabemos, por outro lado, que ela é a célula base da sociedade, dela dependendo, antes de mais, a saúde desta. O Papa Francisco disse-o no Rio de Janeiro: «Se não há família [por suposto, família verdadeiramente família], a sobrevivência da humanidade está em perigo. Que nos agrade ou não, a família é a base». A Igreja